

A CASA FOI AO CHÃO

Na Invasão do Varjão, 87 barracos que ocupavam terras públicas ruíram ontem graças ao trabalho de uma pá mecânica e dos martelos de 70 trabalhadores braçais. A 62 dias de os brasileiros irem às urnas, enquanto políticos rondam as invasões para prometer permanência aos ocupantes irregulares, o governo reage e põe abaixo as casas de 87 famílias. A derrubada continua hoje, até que o dobro de barracos esteja no chão.

O trabalho de retirada começou com dificuldade. Na manhã de ontem, perto das 9h, a aglomeração de 200 policiais militares, caminhões e trabalhadores em frente ao prédio da Administração Regional do Lago Norte alertou os invasores. Meia hora depois, quando o comboio chegava ao Varjão, encontrou resistência. No caminho para os barracos irregulares estavam barricadas com pneus velhos, sucata e uma chuva de pedras.

O trabalhador braçal desempregado Antônio Moreira Landim, de 31 anos, conta seu drama sentado sobre as latas e sacos que formam seu patrimônio. "Numa reunião na creche do Varjão, o deputado (José) Edmar garantiu que na hora que viesse alguém ameaçar os barracos, era só ligar que ele enfrentava tudo", recorda. Na manhã de ontem, durante a derrubada, o distrital do PMDB candidato à reeleição participava da comemoração do aniversário do candidato a governador Joaquim Roriz.

Os bens que o pernambucano analfabeto usa como apoio ocupam cerca de 2 metros quadrados das encostas de morro onde antes ele tinha sua casa. O barraco de compensado e vigas, o antigo abrigo das conquistas de uma vida, virou um amontoado de tábuas na carroceria de um dos seis caminhões da Administração Regional do Lago Norte. "Não tenho para onde ir", lamentava-se o desempregado que vive de fazer bicos.

Antônio diz que morou no endereço clandestino durante cerca de 75

Acácio Pinheiro



A dona-de-casa Gislane Lisboa, de 23 anos, contempla o que sobrou do seu barraco segurando no colo a filha Adriana: "Talvez a gente fique na rua mesmo. É uma injustiça. Ninguém tem para onde ir"

dias. O terreno pedregoso e inclinado, a cerca de 500 metros das margens na parte norte do Lago Paranoá, foi seu destino depois que ele foi obrigado a deixar a chácara onde morava com a mudança do dono. "Vi o pessoal fazendo e imitei", justifica o pai que aguarda seu primeiro filho para daqui a 6 meses. "Como é que vou colocar minha mulher debaixo de um pé de pau?", perguntava.

A incerteza também preocupava a dona-de-casa Gislane Roberta Pereira Lisboa, de 23 anos. A mãe de dois

filhos de colo iria esperar pela volta do marido, um porteiro, para decidir o destino da família. "Talvez a gente fique na rua mesmo", disse balançando os ombros com os olhos cheios d'água. "É uma injustiça, nós só ficamos aqui porque ninguém tinha para onde ir."

Só ficam de pé os barracos com números pintados pelos técnicos do Idhab. Os ocupantes, cerca de 400, atenderam às exigências do instituto e vão se tornar donos do espaço onde vivem, ainda que ocupado irregular-

mente. "Eu sou um invasor, mas meu caso é diferente", diz o pedreiro Luiz Pereira Costa, 45 anos, desde 1993 morador do Varjão.

A tranquilidade que causa inveja em Antônio existe porque Luiz teve como provar que morava há mais de 5 anos no Distrito Federal e que nunca tinha sido atendido pela política habitacional do governo. Isso dá direito ao pedreiro de participar do cadastro do Idhab como pretendente à compra do pedaço de terra onde vive com sua família há cinco anos.